

Indústria do Rio espera segundo semestre melhor

Da sucursal do
RIO

O diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Gerencial (Ideg), órgão de assessoria da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, João Lourenço Corrêa do Lago Filho, afirmou ontem não acreditar na recuperação econômica, "mesmo em escala reduzida, senão a partir do segundo trimestre". Adiantou que não pode acreditar que a indústria nacional "supere as atuais e graves dificuldades com taxas de juros de 180%, além das chamadas reciprocidades".

Corrêa do Lago assinalou, também, que quem quiser pode enganar-se "mas os industriais brasileiros não alimentam ilusões em torno do comportamento da economia ao longo do próximo ano". Apoiado nesse raciocínio, o diretor-executivo do Ideg acrescentou que "os industriais não estão apenas com boa vontade, mas também lutam com todo o empenho para sobreviver, prin-

cipalmente diante de um PIB de 2 a 3%, em 1982".

Para o diretor do Ideg, as pequenas e médias empresas em 82 seão submetidas a uma terrível prova de fogo, e o que é muito preocupante, diante desse quadro, é a incapacidade de ela resistir e continuar de pé por novo e prolongado período de sacrifícios. Acentuou que essas empresas, decididamente, não irão suportar juros de 180% anuais, excluídas outras exigências de encarecimento do dinheiro. Manter os juros com taxas dessa ordem "é o mesmo que oferecer, sem constrangimento, o atestado de óbito a quem ainda respira", disse Corrêa do Lago.

O diretor do Ideg aponta outro aspecto sério da questão: o governo está sem alternativa, diante de um ano eleitoral, para encontrar fórmula conciliatória visando ao reaquecimento da economia. Advertiu que conter a inflação com os critérios adotados em 81 equivale a dar continuidade à recessão econômica, com problemas sociais muito incomodados, como o desemprego.